

## 1. A REPÚBLICA POPULAR DA CHINA COMO POTÊNCIA MILITAR

**Luís Tomé**

Professor Doutor

Universidade Autónoma de Lisboa-Departamento de Relações Internacionais  
Coordenador Científico do OBSERVARE-Observatório de Relações Exteriores  
ltome@autonoma.pt

Quero começar por agradecer o honroso convite do IUM, da NOVA e do Instituto Diplomático para participar neste importante seminário e integrar o painel dedicado à dimensão securitária da República Popular da China (RPC).

O tema que me foi atribuído é “A RPC como Potência Militar”, que abordarei com base em dados estatísticos, evolutivos e comparativos, mas também situando o poderio militar chinês à luz dos princípios e objetivos da RPC em matéria de política externa e de segurança e das suas “grande estratégia” e “estratégia militar”. Farei uma apresentação relativamente breve, na expectativa de termos tempo para detalhar e refletirmos conjuntamente sobre alguns pontos mais concretos no período de debate. Por outro lado, acompanharei a minha exposição com uma série de elementos infográficos que facilitam a visualização de muitos dos aspetos em análise.

Os princípios que a RPC enuncia oficialmente como orientadores da sua política externa e de segurança podem resumir-se da seguinte forma: coexistência pacífica; não ingerência nos assuntos internos de outros países; desenvolvimento pacífico; benefício mútuo; confiança; igualdade; e mundo harmonioso. Estes princípios não são propriamente novos, pois são enunciados por Pequim desde o início dos anos 1950 com base no que ficou conhecido como “cinco princípios da coexistência pacífica”. A maior inovação foi a inclusão da noção “mundo harmonioso” pelo anterior Presidente chinês, Hu Jintao, como extensão conceptual à política externa da sua visão de “sociedade harmoniosa” na dimensão interna.

Quanto aos grandes objetivos da RPC, pode dizer-se que correspondem aos traçados por Deng Xiaoping no final dos anos 1970. Ainda assim, a atual equipa dirigente com Xi Jinping ao centro apresenta esses objetivos de uma forma mais confiante e ambiciosa e também particularmente simbólica, relacionando o “sonho chinês” com a celebração de dois centenários fundamentais para o regime comunista chinês:

*China’s national strategic goal is to complete the building of a moderately prosperous society in all respects by 2021 when the CPC celebrates its centenary; and the*

*building of a modern socialist country that is prosperous, strong, democratic, culturally advanced and harmonious by 2049 when the People's Republic of China (PRC) marks its centenary. It is a Chinese Dream of achieving the great rejuvenation of the Chinese nation. The Chinese Dream is to make the country strong [...]*

*The State Council Information Office of the People's Republic of China (2015)*

Este trecho evidencia bem a confiança do regime comunista chinês mercê de décadas de crescimento económico e de contínua afirmação internacional da RPC: com efeito, a liderança chinesa atual antecipa o objetivo de alcançar “uma sociedade moderadamente próspera” de meados do Século XXI (meta traçada por Deng Xiaoping em 1978) para 2021, coincidindo com o centenário da criação do Partido Comunista Chinês, remetendo para 2049 (centenário da proclamação da *República Popular* da China) o objetivo mais ambicioso de construir um “país socialista moderno que seja próspero, forte, democrático, culturalmente avançado e harmonioso”.

Quanto ao que podemos apelidar de “grande estratégia” da RPC, há dois conceitos essenciais para a compreender e explicar: “poder nacional abrangente” e “configuração estratégica de poder” ou *shi*. O poder nacional abrangente é o termo que Pequim usa para comparar a RPC a outras potências e ver a sua posição no *ranking* do poder mundial. Já a configuração estratégica de poder tem um significado distinto daquilo que as palavras podem indiciar literalmente em português, pois a ideia subjacente é a “propensão das coisas”, descrevendo os dirigentes chineses o contexto atual (isto é, final do Século XX / primeiras décadas do Século XXI) como um “período de oportunidades”. Por conseguinte, o estratega virtuoso apenas tem de tirar partido das oportunidades que se lhe oferecem. Ou seja, a China não quer forçar, promover e muito menos impor a sua ascensão, pois bastar-lhe-á tirar habilmente partido das oportunidades, num contexto em que a “propensão das coisas” lhe é favorável, para naturalmente o seu poder nacional abrangente aumentar.

Significa isto que estamos perante uma “grande estratégia” de longo prazo, aparentando ser indiferente se a RPC sobe posições e/ou alcança o topo do *ranking* do poder mundial no prazo de uma década ou de um século. Mais: o regime chinês pretende mostrar que a RPC é uma potência diferente de outras ao longo da História, que não pretende fazer nem comportar-se, por exemplo, como a Alemanha Nazi, o Japão imperialista ou a União Soviética. Esta postura passa por insistir na ideia de que a China não tem ambições hegemónicas e que é uma potência benigna, propagandeando Pequim o célebre *peacefull rise*, não se colocando a RPC “em bicos de pés” para mostrar que é uma grande potência – ao contrário de algumas

outras potências que gostam de se exibir -, nem assumindo uma posição tipicamente confrontacional e revisionista.

Estes pressupostos estão em consonância com a chamada doutrina ou “estratégia dos 24 caracteres” enunciada por Deng Xiaoping pouco tempo antes de morrer, em 1992, e que sintetiza a postura estratégica que a RPC tem genericamente mantido: “*observar calmamente, conservar a nossa posição, envolvermo-nos nos assuntos prudentemente, esconder as nossas capacidades e esperar a nossa vez, ser bom a manter um perfil baixo, nunca reclamar a liderança...*”. A isto o antigo Presidente Hu Jintao acrescentou “*dar algumas contribuições*”, muito em resultado da pressão internacional (sobretudo dos EUA) para a RPC assumir as suas responsabilidades inerentes enquanto grande potência ou *responsible stakeholder*.

O poder militar da RPC tem, portanto, de ser devidamente enquadrado à luz dos objetivos e da estratégia de Pequim. Por outro lado, importa sublinhar que o tal “sonho chinês” anteriormente referido associado ao crescimento do “poder nacional abrangente”, ao “grande rejuvenescimento” e ao “fortalecimento” da China envolve todas as dimensões, desde a económica à militar. E a realidade é que o fortalecimento e a modernização militar da RPC que detalharemos adiante acompanham o aumento do poder económico chinês, que vale a pena observar com atenção.

Uma vez que a dimensão económica foi objeto de análise detalhada num outro painel, limito-me a invocar aqui o *share* no PIB mundial em paridades de poder de compra (PPP) que considero ser um dos melhores indicadores para aferir e comparar poder económico. A Figura 5 é bastante elucidativa: o *share* da RPC no PIB mundial em PPP já é o maior do mundo, ultrapassando claramente as parcelas da União Europeia e dos Estados Unidos; o aumento desse *share* da RPC é contínuo e bastante mais acentuado do que o de outras “economias emergentes” como a Índia ou o conjunto dos países do Sudeste Asiático<sup>1</sup>; as parcelas de outras grandes economias como EUA, UE e Japão têm declinado contínua e gradualmente nas últimas décadas. As linhas da Figura 5 revelam ainda quem perdeu e quem ganhou poder económico nas últimas décadas, mostrando também quem ganhou mais: precisamente a RPC, cujo *share* no PIB mundial em PPP subiu de 2,3% em 1980 para 18,26% em 2017, com tendência para continuar a aumentar! E convém referir que os valores do FMI (tal como os de outras instituições como a OMC ou o Banco Mundial) referentes à RPC não incluem os dados

---

<sup>1</sup> Brunei, Camboja, Indonésia, Laos, Malásia, Myanmar, Filipinas, Singapura, Tailândia, Timor-Leste e Vietname.

respeitantes a Hong Kong (Região Administrativa Especial e na soberania da RPC desde 1999) nem obviamente a Taiwan, senão os números da RPC seriam ainda mais impressionantes.

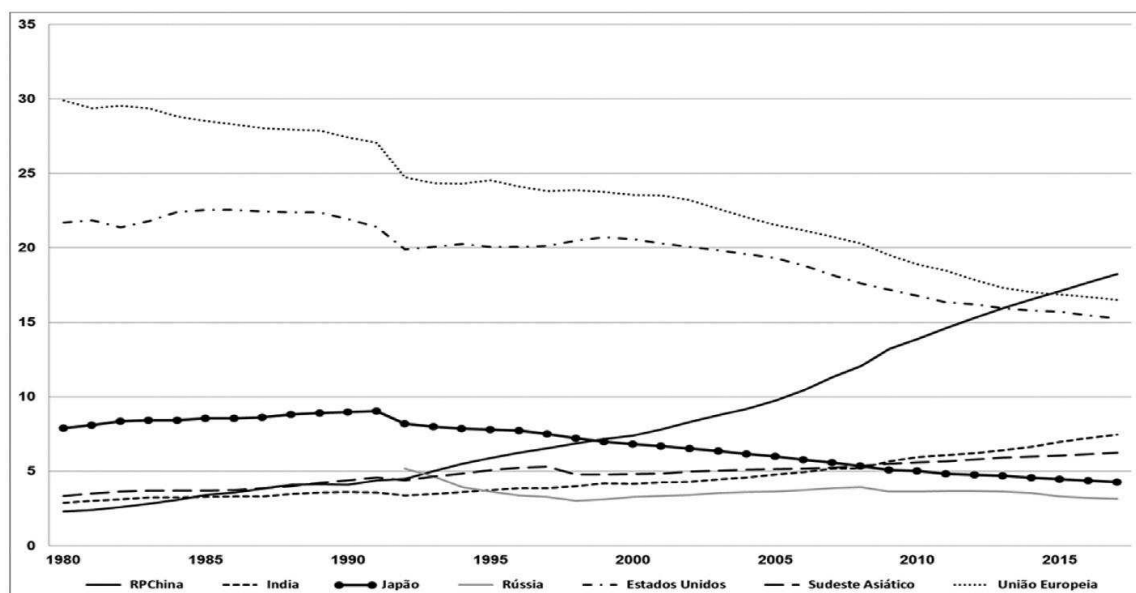


Figura 5 – Comparativo do *share* no PIB mundial em paridades de poder de compra (PPP)

Fonte: IMF (2017).

Um dos efeitos do crescimento económico e que também interfere com o desenvolvimento do poder militar da RPC é a sua crescente dependência energética. Convém recordar, todavia, que a RPC é um colosso energético. O Quadro 1 demonstra como surge bem posicionada nos *rankings* dos maiores produtores mundiais de petróleo, gás natural e carvão e também de eletricidade nuclear, hídrica, eólica e solar.

Quadro 1 – *Rankings* diversos com maiores produtores mundiais de energia

Crude oil		
Produtores	Mt	% do total mundial
Arábia Saudita	583	13,5
Federação Russa	546	12,6
Estados Unidos	537	12,4
Canadá	220	5,1
Irão	200	4,6
<b>RPChina</b>	<b>200</b>	<b>4,6</b>
Iraque	191	4,4
Emirados Árabes Unidos	182	4,2
Kuwait	159	3,7
Brasil	135	3,1
Resto do Mundo	1368	31,8
Mundo	4321	100

<b>Gás Natural</b>		
<b>Produtores</b>	<b>bcm</b>	<b>% do total mundial</b>
Estados Unidos	749	20,7
Federação Russa	644	17,8
Irão	190	5,3
Canadá	174	4,8
Qatar	165	4,6
<b>RPCChina</b>	<b>137</b>	<b>3,8</b>
Noruega	121	3,3
Argélia	92	2,5
Arábia Saudita	90	2,5
Austrália	88	2,4
Resto do Mundo	1163	32,3
Mundo	3613	100
<b>Carvão</b>		
<b>Produtores</b>	<b>Mt</b>	<b>% do total mundial</b>
<b>RPCChina</b>	<b>3242</b>	<b>44,6</b>
Índia	708	9,7
Estados Unidos	672	9,2
Austrália	503	6,9
Indonésia	460	6,3
Federação Russa	365	5,0
África do Sul	257	3,5
Alemanha	176	2,4
Polónia	131	1,8
Cazaquistão	98	1,3
Resto do Mundo	657	9,3
Mundo	7269	100
<b>Eletricidade Nuclear</b>		
<b>Produtores</b>	<b>TWh</b>	<b>% do total mundial</b>
Estados Unidos	830	32,3
França	437	17,0
Federação Russa	196	7,6
<b>RPCChina</b>	<b>171</b>	<b>6,7</b>
Coreia	165	6,4
Canadá	101	3,9
Alemanha	92	3,6
Ucrânia	88	3,4
Reino Unido	70	2,7
Espanha	57	2,2
Resto do Mundo	365	14,2
Mundo	2571	100
<b>Eletricidade Hídrica</b>		
<b>Produtores</b>	<b>TWh</b>	<b>% do total mundial</b>
<b>RPCChina</b>	<b>1130</b>	<b>28,4</b>
Canadá	381	9,6

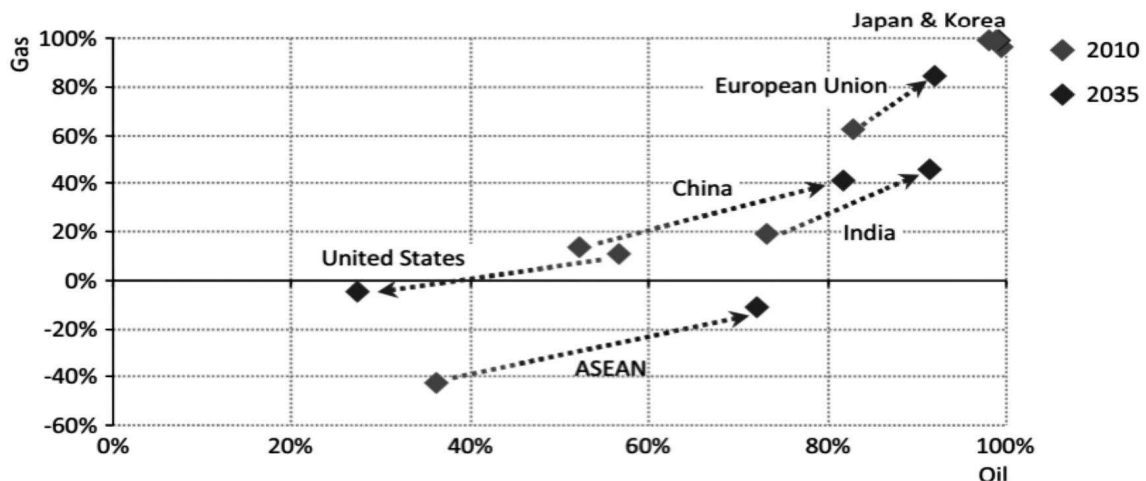
Brasil	360	9,0
Estados Unidos	271	6,8
Federação Russa	170	4,3
Noruega	139	4,3
Índia	138	3,5
Japão	91	2,3
Suécia	75	1,9
Venezuela	75	1,9
Resto do Mundo	11611483	28,8
Mundo	3978	100
<b>Eletricidade Eólica</b>		
<b>Produtores</b>	<b>TWh</b>	<b>% do total mundial</b>
Estados Unidos	193	23,0
<b>RPCChina</b>	<b>186</b>	<b>22,2</b>
Alemanha	79	9,5
Espanha	49	5,9
Índia	43	5,1
Reino Unido	40	4,8
Canadá	26	3,2
Brasil	22	2,6
França	21	2,6
Suécia	16	1,9
Resto do Mundo	162	19,3
Mundo	838	100
<b>Eletricidade Solar Fotovoltaica</b>		
<b>Produtores</b>	<b>TWh</b>	<b>% do total mundial</b>
<b>RPCChina</b>	<b>45</b>	<b>18,3</b>
Alemanha	39	15,7
Japão	36	14,5
Estados Unidos	32	13,0
Itália	23	9,3
Espanha	8	3,4
Reino Unido	8	3,1
França	7	2,9
Austrália	6	2,4
Índia	6	2,3
Resto do Mundo	37	15,1
Mundo	247	100

Fonte: Adaptado de Agência Internacional de Energia (2017, pp. 13-25).

O problema é que o acelerado ritmo de crescimento económico trouxe industrialização, motorização, eletrificação e urbanização, tudo acarretando um consumo muito maior de energia o que fez com que, apesar de ser um grande produtor de energia, a RPC deixasse de ser autossuficiente e tenha passado a importar petróleo e gás natural a partir de 1993/94. Desde então, a RPC tornou-se cada vez



mais dependente dessas importações, dependência que se acentuará ainda mais nos próximos anos: a Figura 6 apresenta estimativas da Agência Internacional de Energia (AIE/IEA) que aponta uma subida das parcelas das importações chinesas face ao consumo até 2035, passando dos atuais cerca de 20 % para 40% no caso do gás e de 60% para mais de 80% no caso do petróleo.



**Figura 6 – Dependência das importações de petróleo e de gás: percentagem face ao consumo**

Fonte: Adaptado a partir de Agência Internacional de Energia (2017).

Significa isto que, além da pretensão genérica de manter condições internas e externas favoráveis ao seu crescimento económico e o acesso aos mercados externos para escoamento da sua produção e abastecimento de outros bens, garantir o acesso a fornecedores e fontes de abastecimento energético e a segurança das respetivas rotas são fatores que condicionam atualmente de sobremaneira as opções geopolíticas e geoestratégicas da RPC. Basta referir, por exemplo, que pelo Estreito de Malaca passa mais de 80% do petróleo que a RPC importa, sendo fácil de antever o que estaria ou estará Pequim disposta a fazer para evitar que o controlo desse Estreito fique sob controlo de um poder hostil.

Outra das consequências resultantes do crescimento económico da RPC é a maior disponibilidade financeira para a Defesa. A RPC possui as maiores Forças Armadas nacionais do mundo, tendo o seu Exército Popular de Libertação (EPL) cerca de 2,2 milhões de soldados no serviço ativo, o que não é novidade nem estranho para o país mais populoso do mundo. A questão é que o orçamento de defesa da RPC tem subido continuamente ao longo das últimas décadas e, como revela a Figura 7, registando aumentos anuais oficiais quase sempre na ordem dos dois dígitos, isto é, mais de 10% ao ano e alguns anos superior mesmo a 15% e 20% - ou seja, muito acima do crescimento do PIB chinês. No mesmo sentido, a Figura 7 mostra que entre 2007 e 2016 as despesas militares da RPC aumentaram 118%.

O resultado deste aumento astronómico é a RPC surgir destacada na segunda posição do ranking dos maiores orçamentos de defesa do mundo, no ano de 2016 com despesas militares estimadas em 215 mil milhões USD e um share de 13% no total mundial. É certo que está ainda longe dos Estados Unidos, mas a RPC vem encurtando essa distância e, paralelamente, aumentando a diferença face à terceira posição nesse ranking que volta a ser ocupada pela Rússia (Figura 8).

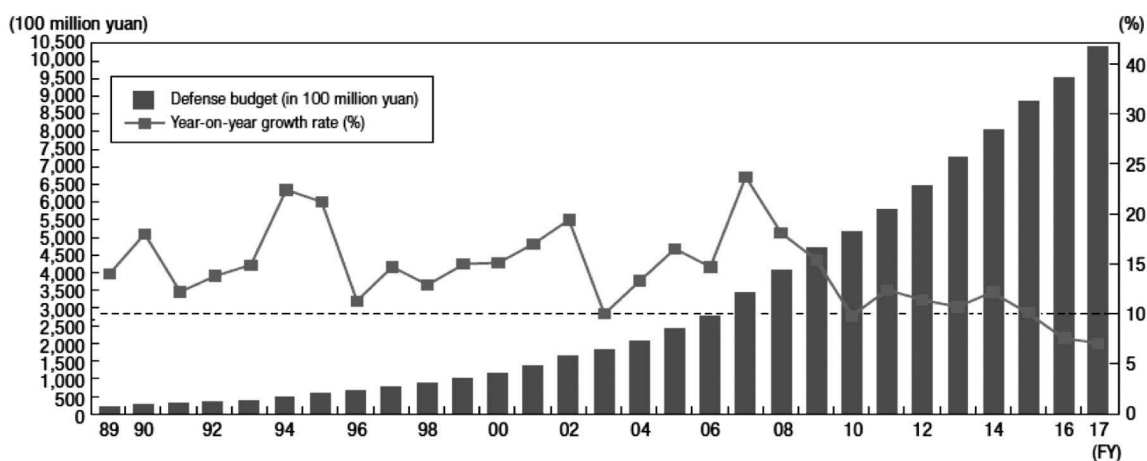


Figura 7 – Variações do orçamento de Defesa da RPC anunciadas oficialmente, 1989-2017

Fonte: Japan-Ministry of Defense (2017, p. 89).

Rank	Spending, 2016 (\$ b., MER)	Change, 2007-16 (%)	World share, 2016 (%)		
2016	2015	Country			
1	1	USA	611	-4.8	36
2	2	China	[215]	118	[13]
3	4	Russia	69.2	87	4.1
4	3	Saudi Arabia	[63.7]	20	[3.8]
5	7	India	55.9	54	3.3
6	5	France	55.7	2.8	3.3
7	6	UK	48.3	-12	2.9
8	8	Japan	46.1	2.5	2.7
9	9	Germany	41.1	6.8	2.4
10	10	South Korea	36.8	35	2.2

Figura 8 – Os 10 Países com maiores despesas militares em 2016

Fonte: SIPRI (2017, p. 2).

Por outro lado, e para além das capacidades que desenvolve *per se* e com as suas indústrias de defesa e civil de dupla-utilização, a RPC continua a adquirir armamento junto de fornecedores estrangeiros. Apesar dos constrangimentos



resultantes do persistente boicote por alguns países, designadamente Ocidentais, na venda de armamento e de tecnologia de dupla utilização à RPC desde a tragédia de Tiananmen, em 1989, Pequim tem conseguido importar continuamente abundantes quantidades de armamentos. Já não é o maior importador como acontecia até há uns anos atrás, mas a Figura 9 revela que a RPC ainda é um dos principais importadores de armamentos com um *share* de 4,5% entre 2012 e 2016, continuando a Rússia a ser o seu maior fornecedor (representando uma parcela de 57% das importações chinesas de armamentos) seguida pela Ucrânia e pela França.

Importer	Share of arms imports (%)		Per cent change from 2007-11 to 2012-16	Main suppliers (share of importer's total imports, %), 2012-16		
	2012-16	2007-11		1st	2nd	3rd
1 India	13	9.7	43	Russia (68)	USA (14)	Israel (7.2)
2 Saudi Arabia	8.2	2.9	212	USA (52)	UK (27)	Spain (4.2)
3 United Arab Emirates	4.6	3.1	63	USA (62)	France (12)	Italy (6.5)
4 China	4.5	5.5	-11	Russia (57)	Ukraine (16)	France (15)
5 Algeria	3.7	3.9	4.7	Russia (60)	China (15)	Germany (12)

**Figura 9 – Os 5 maiores importadores de armamentos e seus principais fornecedores, 2012-2016**

Fonte: SIPRI, (2017a, p. 6).

A diplomacia militar da RPC e o seu impacto no comércio mundial de armamentos não se fica, todavia, pelas importações. A RPC passou entretanto também a exportar armas abundantemente e já é o terceiro maior exportador mundial de armamentos. Como se verifica na Figura 10, entre 2007-2011 e 2012-2016 essas exportações chinesas aumentaram 74% e a parcela da RPC no total mundial das exportações de armamentos subiu de 3,8% para 6,2%, sendo os seus principais clientes os vizinhos Paquistão, Bangladesh e Myanmar.

Exporter	Share of arms exports (%)		Per cent change from 2007-11 to 2012-16 <sup>d</sup>	Main clients (share of exporter's total exports, %), 2012-16		
	2012-16	2007-11		1st	2nd	3rd
1 United States	33	30	21	Saudi Arabia (13)	UAE (8.7)	Turkey (6.3)
2 Russia	23	24	4.7	India (38)	Viet Nam (11)	China (11)
3 China	6.2	3.8	74	Pakistan (35)	Bangladesh (18)	Myanmar (10)
4 France	6.0	6.9	-5.0	Egypt (19)	China (11)	UAE (9.1)
5 Germany	5.6	9.4	-36	South Korea (13)	Greece (12)	USA (9.7)

**Figura 10 – Os 5 maiores exportadores de armamentos e seus principais clientes, 2012-2016**

Fonte: SIPRI, (2017a, p. 2).